

A PESCA COM ARTE-XÁVEGA

ARTE-XÁVEGA



A PESCA COM ARTE-XÁVEGA

A Arte-Xávega é um tipo de pesca tradicional que consiste na utilização de uma rede de cerco envolvente que é lançada ao mar e depois é puxada para terra. A "Arte", como é designado o conjunto constituído por cordas, alares e saco, é largada de bordo de uma embarcação que deixa um dos cabos de alagem na praia e que, após o lançamento da rede, regressa à praia trazendo o outro cabo de alagem. Depois de ambos os cabos estarem na praia dá-se início a alagem, nos primórdios feita à mão, posteriormente com tração animal e atualmente por tração mecânica, com recurso a tratores a motor.

Um dia de pesca é composto por um número variável de *lanços*, que dependem do estado do mar, da capacidade de trabalho da companhia, da quantidade e qualidade do peixe capturado nos *lanços* anteriores. A decisão da realização de um número de *lanços* por jornada é da competência do Arrais de mar.

Cada *lanço* inicia-se com a entrada do barco na água, tarefa efetuada com a ajuda de um trator que reboca a embarcação e de toda a companhia que empurra manualmente o barco até ele começar a flutuar. A rebentação é vencida à força de remos e o motor só é acionado quando existir profundidade suficiente. A *Arte* é largada de bordo do Barco de Mar, ficando um dos cabos de alagem na praia, cuja ponta é o extremo de uma das mangas, o chamado "reçoeiro". Após o lançamento da rede no "largadouro", a embarcação regressa à praia trazendo o outro cabo de alagem, que por sua vez traz consigo a arte "inteira", com o "saco", uma das "mangas",

e a ponta de um dos cabos, a designada "mão-de-barca", que será lançada no mar em semicírculo. Só depois de ambos os cabos estarem de novo na praia é que se dá início à "alagem".

O escritor espanhol Miguel de Unamuno, que passou por Espinho nas duas primeiras décadas do século XX, escreveu a obra "Por Terras de Portugal e da Espanha" na qual descreve magistralmente o que era a pesca em Espinho no limiar do século XX, texto de que vamos fazendo referência no decurso deste caderno.

"Deixam presa na areia a ponta de uma das duas cordas da rede. Em cada barca sobem uns trinta tripulantes, meia dúzia para estender a rede e demais tarefas, e dez ou doze para cada um dos grandes remos. Três horas depois de ter saído, voltam trazendo a ponta da outra corda. E é um espetáculo emocionante, e às vezes solene, ver as barcas de proa levantada esperar, com o pescoço erguido, as ondas que lhes sejam favoráveis e investir depois para a areia entre cascatas de espuma e a gritaria dos que as esperam." (Miguel de Unamuno, "A Pesca de Espinho", agosto de 1908.)

"No barco o saco vai ao bico da ré, alongando-se sobre a corda e as mangas vão no interior do barco, e no início da rede colocavam-se as calas. As redes mediam entre 240 a 350 metros e o saco chegava a ultrapassar os 50 metros."

A rede opera quase à superfície do mar e tem os "panos" das suas duas "mangas" laterais posicionados verticalmente devido ao efeito conjugado da "tralha das pandas" e da "tralha dos chumbos", os designados "pandulhos". A malha dos "panos" das "mangas" vai estreitando de

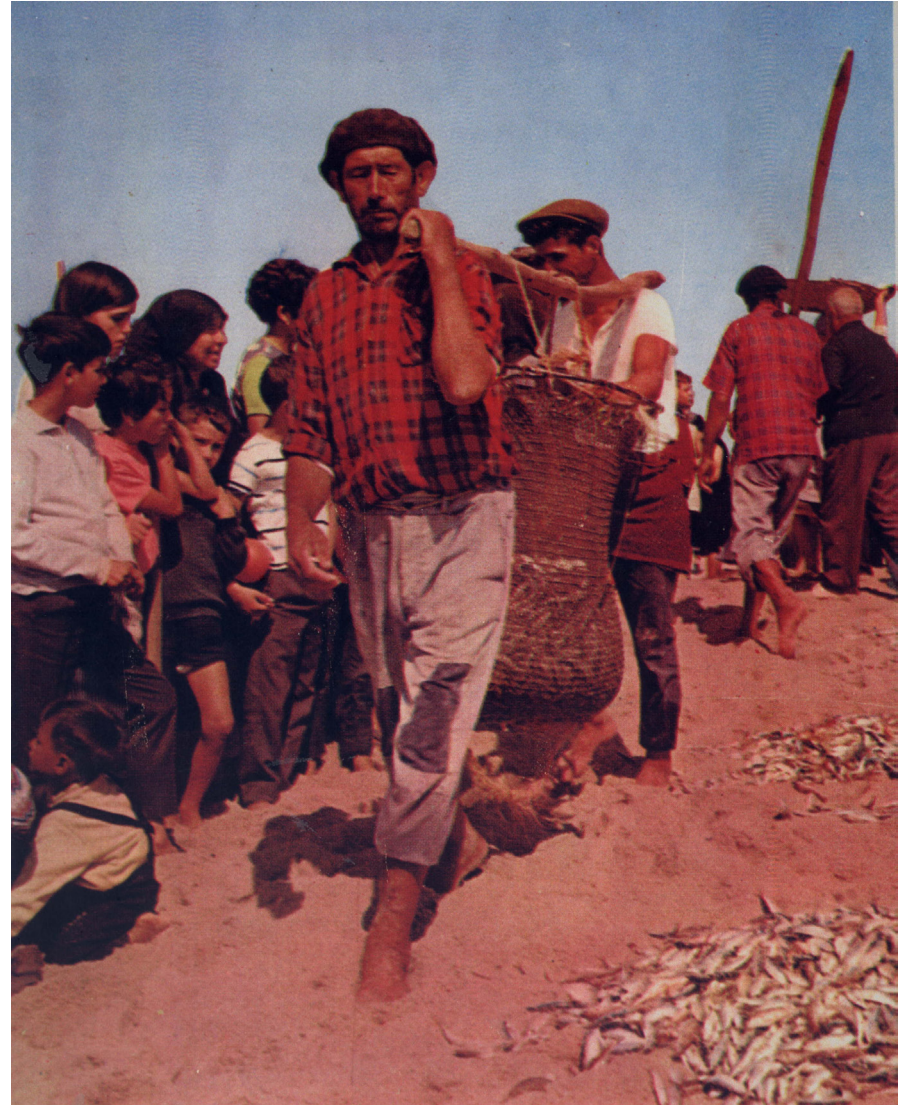
forma progressiva. Dos dois lados do aparelho, as duas mangas vão aumentando em altura, enquanto a malhagem vai estreitando. À medida que a alagem é efetuada as duas mangas aproximam-se uma da outra; as pontas aproximam-se do "reçoeiro" e da "mão-de-barca". Assim, ao diminuir a distância na praia entre os cabos de alagem, as mangas vão se fechando e o peixe vai sendo encaminhado para o saco. Já no saco, o peixe capturado não pode sair mais e assim chega à praia. O saco é reforçado a meio por uma rede de malha mais grossa, chamada funda, para evitar a sua rutura quando a pesca é mais abundante.

"As mangas, que constituem as partes laterais da rede, tinham cinco peças designadas de alcanena, caçarete, regalo, mezena e claro. Terminavam no calão onde eram fixadas as cordas."

Em terra o saco, de rede de malha mais fina, é arrastado pelo trator e aberto, procedendo-se à escolha e separação do peixe, já não em "lotas" e "macolas" na areia da praia e transportado em rapichéis ou redanhos (sacos grandes de rede que os pescadores dependuravam num bordão de madeira e o transportavam até ao local de venda, podendo conter duas ou três macolas) como faziam as antigas companhias, mas contado e colocado em caixas, que depois são transportadas pelos tratores para fora da praia, fazendo-se a vendagem na zona próxima dos apoios de pesca.



Foto de Carvalho Baptista



Homens transportando um rapichel. Coleção Artur Faustino

“Metem-se alguns homens nessa massa palpitante, mergulhando nela os pés bronzeados, e às pazadas, separando aqui e além alguns peixes, vão enchendo os *rapichéis* ou *redanhos*, espécie de cestos de rede em que dois homens para cada um deles levam a colheita para a estender na areia, onde as mulheres fazem a escolha.” (Miguel de Unamuno, “A Pesca de Espinho”, agosto de 1908.)

“Os antigos sacos eram formados por painéis como oito muros separados entre si e conhecidos por *cuada*, *meia cuada*, *alegras*, *bastos*, *meios-bastos*, *cuada rasa*, *bocada rara* e *folhas de boca*. Numa das suas extremidades prendia-se o *calimbo*, flutuador que evitava que o saco descesse em demasia, servindo também para detetar a posição do saco.”

Na atualidade a malha da rede tem 7 muros de 20, 22, 24, 26, 28, 30 e 32 mm e o saco de 50 metros começa com malha de 24 mm e termina em 10 mm. No “cú” do saco utiliza-se uma malha de 20 mm. Os acessórios que compõem a rede são os seguintes: *chumbos*; *cortiça*; *cabos*; *boias de sinalização (balizas)*.

Depois de o saco ficar vazio, é colocado junto à popa da embarcação e o seu fundo é fechado. Quando a rede e as cordas estiverem devidamente arrumadas, o Barco está novamente pronto para ir ao mar, iniciando-se um novo “lanço”. Os “lanços” são feitos a uma distância da praia que varia em função das ordens dos *arraís*, variando entre os 3000 e os 500 metros. Pela Lei as *artes* podem ser lançadas até 3000 metros, distância que em Espinho não é utilizada, andando a média dos *lanços* entre os 1000 e os 2000 metros. A prática comum a todas as companhias é de fazerem o cerco a maiores distâncias durante ao dia (desde a alta madrugada até ao início da tarde) e a pequenas distâncias à medida que o entardecer e a noite se aproximam.

“Quando as juntas de bois iniciavam o trabalho da alagem das redes emergia a figura do *calador*, que harmoniosamente procedia ao enrolar das cordas colocando-a em rolos. As cordas são fabricadas de matéria vegetal fibrosa do sisal e transformadas em grosso cabo. Cada rolo de corda tem 60 metros de comprimento, podendo ser lançados 35 rolos de forma a consumir 2500 a 3000 metros de distância.”

Foto de Carvalho Baptista



“Puxam da praia com junta de bois. Isto de tirar as redes com juntas de bois é o que dá mais carácter à pesca em Espinho, assemelhando-se a um trabalho agrícola e concedendo um pretexto à imaginação para comparar com o trabalho dos campos nesta região em que, como digo, o mar parece que se ruraliza.” (Miguel de Unamuno, “A Pesca de Espinho”, agosto de 1908.)

Também Raul Brandão na sua obra “Os Pescadores”, editada pela primeira vez em 1923, fala da prática da Arte-Xávega na Praia de Paramos e do viver da comunidade piscatória: “Aqui o pescador vive em barracas de madeira que têm o aspeto de povoações lacustres. Em certos dias içá-se o camaroeiro e a este sinal, esperado no interior das terras, começam a aparecer pelos caminhos empapados, dirigindo-se para o mar, as pesadas juntas de bois levadas à sogá pelas moças. O lavrador associa-se ao homem do mar. Nesses dias larga o arado e toma parte na companhia, ajudando a alar a grande rede que se usa por estas bandas e que as bateiras lançam à água.”



Coleção BMJMS

Para além do conjunto de procedimentos técnicos relacionados com a prática da “Arte” e dos meios indispensáveis para a sua concretização (embarcações, aparelhos de pesca, máquinas e outros apetrechos), o pescador de Espinho é um homem experiente e de saber que conhece bem o mar e os seus recursos. A costa de Espinho é um património natural rico em várias espécies que sazonalmente migram para esta zona, de águas frias, e rica em plâncton. Falamos de uma zona costeira adjacente à Ria de Aveiro, tipicamente considerada zona de recrutamento de sardinha e de outras espécies pelágicas como o carapau, a cavala (que em conjunto com a sardinha são as espécies dominantes) e o biqueirão, registando-se também a presença de faneca, sarda e boga, entre outros peixes.

Os conhecimentos empíricos e os saberes dos pescadores transmitidos de geração em geração, permitem aos homens do mar interpretar as condições meteorológicas mais favoráveis à pesca, os ventos e as ondas (detetar a existência de fundos de areia, fundões ou cabeços, essencial para uma alagem sem problemas de maior).